

The fault in our stars: do trágico ao consagrado – ressignificações da morte na narrativa de John Green

The fault in our stars: the tragic consecrated – redefinitions of death in the John Green narrative

Ana Carla de Almeida Santos¹

RESUMO: O presente artigo busca tratar das representações da morte e suas aplicações na obra de John Green intitulada *The Fault In Our Stars* (2012), com o objetivo de problematizar a ideia maniqueísta ocidental que se tem do assunto. Para tanto, fez-se necessário um estudo histórico-filosófico dos valores atribuídos à morte e seus símbolos que desenvolvem representações paradoxais desta que, conclui-se, sublima a própria existência e a vida.

Palavras-chave: Literatura; Representação; Morte; Vida; Sublimação.

ABSTRACT: This article seeks to deal with representations of death and its applications in the book of John Green titled "The Fault In Our Stars" (2012), with the purpose of discuss the Western manichean idea that people have about the subject. Thus, it was necessary a historical-philosophical study of values attributed to death and its symbols that develop paradoxical representations of this, which, in conclusion, sublimates the existence and the life.

Keywords: Literature; Representation; Death; Life; Sublimation.

Segundo a teoria celular², nosso ciclo vital pode ser precisamente descrito: seres humanos, dentre demais seres vivos, nascem, crescem, se reproduzem e morrem. Baseando-nos nesta informação, é coerente dizer que a espada de Dâmocles está sobre a cabeça de todos, e embora alguns estejam mais expostos, estão todos por um fio, sem terem, necessariamente, a oportunidade de crescer ou se reproduzir³.

1 Graduada do curso de Letras - Língua Inglesa e Literaturas da UNEB - Universidade do Estado da Bahia Campus II - e-mail: annakarasantos@hotmail.com.

2 Teoria formulada, em meados do século XIX, pelos cientistas alemães, Mathias Schleiden (1804-1881) e Theodor Schwann (1810-1882).

3 Segundo uma lenda da Grécia Antiga, Dâmocles, favorito da corte do tirano de Siracusa Dionísio (século IV a.n.e.), foi convidado por este para um banquete durante o qual Dionísio, querendo convencer Dâmocles, que o invejava, da fragilidade do bem-estar humano, o fez sentar no seu trono, suspendendo com uma crina de cavalo uma afiada espada sobre a sua cabeça. A expressão "espada de Dâmocles" é sinônimo de um perigo terrível, próximo e permanente. (Dicionário Político).

A universalidade da morte é, de fato, irrevogável; contudo, a forma como esta é representada pode variar diacrônica ou sincronicamente. Em *Western Attitudes toward Death: from the Middle Ages to the Present*, Ariès (1975) observa que as variações diacrônicas da representação da morte no ocidente ocorreram sutilmente, porém resultam em uma acentuada diferença na maneira com que o homem ocidental pós-moderno lida com o assunto. Mais afastado do mundo dos vivos, o mundo dos mortos passa a fazer parte da lista de assuntos proibidos. E, ao contrário dos tempos antigos em que a sexualidade era tabu, atualmente, faz-se necessário a introdução de uma educação sexual, enquanto a morte é ocultada das crianças.

Em *The Fault in our Stars*, John Green confronta o leitor e as representações da morte existentes em nossa sociedade quando, em aspectos intrínsecos à narrativa, cria imagens que geram inquietação, reflexão, ao passo que remontam uma forma antiga de ver o fim da vida.

Entre as imagens criadas por Green podemos citar a:

1- Domesticação:

Hazel Grace Lancaster, narradora-personagem, descobre que é portadora de câncer em estado avançado aos treze anos. Desde o início da narrativa ela compartilha com o leitor o processo de preparação para sua morte iminente, preparação que se dá com a tentativa de sua família em realizar seus desejos e fazê-la viver plenamente seus últimos dias. Também, Augustus Waters, ao descobrir estar novamente doente tenta aproveitar o que lhe resta de tempo de vida. Ao invés da postura deprimida que se espera, ele parte em busca da realização de seus sonhos e dos sonhos de Hazel.

Propositalmente, Green cria dois personagens em estado de saúde delicado, que apesar disso, e por causa disso, procuram viver de modo que a morte não seja um medo constante mas a força catalizadora que os impulsiona. Eles conversam romanticamente em um parque entre esqueletos, ou representações de esqueletos, leem livros com alta incidência de morte e admitem a condição efêmera de suas vidas ao ponto de reconhecerem seus últimos momentos juntos e realizarem um pré-velório para Gus, a fim de poderem se despedir.

Aqui, Green aproxima a morte do mundo dos vivos em imagens tão sutis e brutais quanto a de uma jovem que beija o amor de sua vida em uma urna.

E é por conta dessa aproximação gradual que a morte de Augustus Waters, apesar de ser lamentada pelo leitor, não chega a ser traumática, insuportável para os que o cercam. Também não é um momento feliz, mas traz algo do mundo antigo, algo da maior tolerância proveniente da domesticação da morte com seus ritos de passagem. Veja que Augustus em seu estágio terminal tem família e amigos reunidos em momentos de proximidade, como em uma reprodução arquetípica do sugerido por Ariès no texto:

It was essential that parents, friends, and neighbors be present. Children were brought in; until the eighteenth century no portrayal of a deathbed scene failed to include children. And to think of how carefully people today keep children away from anything having to do with death! [...] The old attitude in which death was both familiar and near, evoking no great fear or awe, offers too marked a contrast to ours, where death is so frightful that we dare not utter its name. (ARIÈS, 1975, p. 12-13).

2- Aceitação:

Ao contrário das pessoas à sua volta que evitam falar da morte, Hazel admite pensar sobre o assunto e tem noção de sua mortalidade, o que lhe gera maior sofrimento, contudo, não é a morte do “eu” mas a dor que sua família sentirá com sua partida. Hazel aceita sua mortalidade e a vê como um alívio para suas dores, um alívio que lhe é negado devido a luta pela sobrevivência, um adiamento que se mostra doloroso no trecho em que, se referindo à inconsciência não alcançada, a personagem diz:

I was left on the shore with the waves washing over me, unable to drown. [...] The only solution was to try to unmake the world, to make it black and silent and uninhabited again, to return to the moment before the Big Bang, in the beginning when there was the Word, and to live in that vacuous uncreated space alone with the Word. (GREEN, 2012, p.100).

Aqui, a personagem entra em uma questão filosófica paradoxal. Se o homem contemporâneo teme a morte por imaginar ser uma experiência dolorosa, Hazel descredita tal temor, em um posicionamento alinhado ao de Epicuro⁴, que via na morte a

4 Filósofo grego (341 a.C. - 270 a.C.). Criador do epicurismo, corrente filosófica que postula como objetivo central do ser humano a busca da felicidade.

inexistência da vida, um total vazio, ausente de emoções, ausente de consciência, portanto, digna de indiferença e não de medo. (O LIVRO DA FILOSOFIA, 2011).

Entretanto, o que torna o trecho acima ainda mais paradoxal é a união do pensamento epicurista à menção do Verbo⁵, a crença em um mundo vazio e inabitado conforme o Livro de Gênesis à explosão do Big Bang. Aqui, Green une pensamentos duais e não responde perguntas, mas, as cria. Frente a morte, o homem contemporâneo busca refúgio na religião ou na filosofia? No senso comum ou na ciência? O leitor não encontrará respostas facilmente em *The Fault in our Stars*, como a própria Hazel não encontrou respostas em *Uma Aflição Imperial*, romance intra-ficcional, e de predileção da personagem. Mas, pelo contrário, o questionamento da vida, da existência, é um eterno “não saber” até que se crie uma resposta individual, a interpretação. Como a de Augustus no trecho seguinte:

I believe in that line from *An Imperial Affliction*. ‘The risen sun too bright in her losing eyes.’ That’s God, I think, the rising sun, and the light is too bright and her eyes are losing but they aren’t lost. I don’t believe we return to haunt or comfort the living or anything, but I think something becomes of us. (GREEN, 2012, p. 154).

3- Coletividade e continuidade da vida:

A partir do século vinte a experiência de morte se torna ainda mais traumática no ocidente, ao passo que ocorreu uma supervalorização do ser individual, o ser humano deixou de ver na morte algo necessário à sobrevivência da coletividade/espécie. Assim ela deixa de ser representada como *Et moriemur*⁶, e passa a ser *la mort de soi*⁷ (Ariès, 1975). Contudo, Green traz de volta a ideia de coletividade ao elucidar a continuidade da vida, a continuidade no outro, a continuidade do outro.

A epifania Whitmanesca⁸, de Anna sobre a grama em *Uma Aflição Imperial*, é a constatação da continuidade da vida, pois apesar de estar morrendo ela é capaz de se

5 Palavra com origem no termo em Latim "verbum", que significa "palavra". No contexto religioso, o termo "Verbo", quando escrito com inicial maiúscula, designa a palavra de Deus ou o próprio Deus, tal como escrito na Bíblia Sagrada: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus." (João 1:1).

6 Do Latim: Morremos todos (we shall all die).

7 Do francês: auto-morte (one’s own death).

8 Para melhor compreensão ler: “I celebrate Myself” de Walt Whitman.

maravilhar com a criação, a grama, o cabelo das sepulturas logo terá um pouco dela, a própria criança; viva, por gerar vida.

Peter Van Houten, ciente deste ciclo infindo, cita:

-- Omnis cellula e cellula, he said again. -- All cells come from cells. Every cell is born of a previous cell, which was born of a previous cell. Life comes from life. Life begets life begets life begets life begets life. (GREEN, 2012, p. 249).

A despeito disso, Von Houten não acrescenta um desfecho ao livro que escreve. Ele afirma que a escrita concretiza a morte, confere esquecimento ao personagem morto. Portanto, em sua obra inacabada, Van Houten representa a vida em sua continuidade.

Por outro lado, *O Diário* de Anne Frank, também inacabado, concretiza o final da vida da jovem, bem como o fim de seus sonhos de liberdade. Porém, o fim de um personagem não implica, necessariamente, o de outros. A publicação do livro e a forma como esta ocorreu nos diz sobre o seu desfecho.

Otto Frank, assim como o Homem de tulipas holandês, a mãe de Anna e Hazel Grace precisam continuar com suas vidas. Afinal, quando alguém se vai, os planetas continuam em suas órbitas, a Terra continua a girar, não importa quão importante essa pessoa seja, ficam apenas suas obras, algumas concluídas outras inacabadas, suas redes sociais sem mais notícias, fotos ou conversas. Não dá tempo de concluir as frases ou escolher o momento para expirar o último suspiro. Não, as ações são interrompidas, e não há tempo para colocar os pingos nos "is" ou ponto final. E por que deveria haver ponto final? A história continua! Com alguém sob o mesmo céu que culpa, por sua perda, o destino, os céus, as estrelas.

4- Predestinação:

The Fault in our stars mais uma vez desafia o leitor contemporâneo, ao criar uma representação que foge à lógica e à probabilidade Green zomba da falsa ideia de poder que tenta prever os acontecimentos da narrativa como se fizessem previsões meteorológicas.

Se durante o desenvolvimento da leitura o leitor lamenta e aguarda sua morte, se o leitor aguarda ler seu capítulo final, que segundo a personagem havia sido escrito no momento do diagnóstico, equivoca-se. Pois, os ventos mudam de direção e em uma reviravolta, Hazel tem uma melhora de seu estado clínico e Augustus descobre estar tomado pelo câncer de tal forma que tratamento ou tecnologia alguma pode resolver.

O sentimento de impotência frente à vida\morte é tamanho para o leitor! Ele pode nem se dar conta de que sua pequenez é fruto de uma presença grandiosa. Green em uma alegoria representativa dá forma a uma força inalcançável, incompreensível, ao qual Shakespeare, no seguinte trecho da peça “Julius Caesar”, nomeia como “estrelas”: “The fault, dear Brutus, is not in our stars, But in ourselves, that we are underlings.” (SHAKESPEARE apud: GREEN, 2012, 106).

Entretanto, se por um lado, nesta fala de Cassius, Shakespeare as inocenta, Green ousadamente o dá por equivocado, ao atribuir às estrelas toda culpa pelos desencontros do casal, na carta de Van Houten a Augustus, escreve: “[...] but there is no shortage of fault to be found amid our stars.” (p.106).

Esta força que rege os acontecimentos na narrativa de John Green, ou ao menos aquela a qual ele impõe a responsabilidade das hamartias, isenta o homem de culpas e o ajuda a aceitar os acontecimentos de sua vida, visto que não há nada que possa deter esta interferência à qual Ariès denomina “destino” no seguinte questionamento:

[...] must we take for granted that it is impossible for our technological cultures ever to regain the naive confidence in Destiny which had for so long been shown by simple men when dying?” (ARIÈS, 1975, p. 107).

Para Green tal confiança no destino não é impossível, pelo contrário, é tudo que resta aos personagens.

5- Sublimação:

Quando por ironia do destino Augustus, na reunião do grupo de apoio a jovens com câncer, encontra uma garota (Hazel Grace) que se parece extremamente com a que ele costumava namorar e que o fez sofrer dada sua morte por um tumor no cérebro, se sente atraído e não resiste demonstrar sua admiração.

Sigmund Freud pode explicar o estranho ocorrido, em “Além das fronteiras do prazer” (1920) com base em observações, ele postula que o ser humano sente prazer na repetição.

Essa hipótese freudiana cria também uma explicação para a sublimação e romantização da morte, já que os seres animados têm por natureza o desejo inconsciente de voltar a um estado anterior, logo, existe uma pulsão que os impulsiona a voltar a seu estado inanimado, a pulsão de morte.

Mas o que a narrativa de Green faz ultrapassa a sublimação da morte. Tacitamente, Green atrai leitores numa técnica que os antigos já conheciam. Das mitologias à Literatura Romântica, o prazer do drama, do trágico, contradiz a repulsa pela morte presente em nossa cultura. A cultura de uma sociedade que tem uma diferença desproporcional entre a quantidade de dias de afastamento no trabalho de uma parturiente e de um enlutado, cultura que vê derrotismo na morte e no luto, que oferece retaliações à demonstração de sofrimento, mas que continua a admirar os personagens beatificados em sua morte. E por acaso os leitores seriam sádicos se admitissem que “há um certo atrativo nas histórias que terminam”? (p. 51) Hazel diria que não.

Hazel e Gus estão na lista dos personagens que em um fim trágico encontraram um lugar para se perpetuar. Pois, se a literatura mata, também pode eternizar, como fez com os memoráveis Tristão e Isolda, Romeu e Julieta, dentre outros.

Considerações Finais

As elucubrações feitas até aqui são pauta para infindáveis diálogos a respeito da morte e suas representações na narrativa de John Green. Poderíamos nos estender ainda em inúmeras comparações, visto que este é um tema universal e contextualiza com diversos outros textos. Os retenhamos por hora. Abro espaço apenas para referenciar o texto de Saramago “As intermitências da Morte” que merece atenção nesta discussão, visto que complementa a ideia que se busca alcançar com este texto. E que ideia é esta? Que a morte é boa? Que a morte é ruim? Nem isto, nem aquilo.

Ao falar sobre a domesticação da morte, aceitação do estado efêmero de nossa vida, bem a como as demais imagens criadas por Green, este texto, em um movimento contrário às marés contemporâneas ocidentais, convida o leitor a ver a morte tal qual

Green a representou, sem a sistematização que opõe todas as coisas em dicotomias. Pois assim como há certa feiura na morte de quem quer viver, há feiura também na vida que se estende causando sofrimento. Pulsão de vida e Pulsão de morte não estão em lados opostos como se pensa, uma tem um pouco da outra, e esta segunda sublima a primeira de maneira que:

“Ao reconhecer que nossas vidas são provisórias, podemos relaxar nosso apego neurótico a ela e assim vir a gozá-las muito mais. Abraçar a morte, nesse sentido, é o oposto de deixar-se morbidamente seduzir-se por ela.”
(EAGLETON, 2005, p. 284).

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. (1975). **Western Attitudes Toward Death: From The Middle Ages to The Present**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

BUCKINGHAM, Will. BURNHAM, Douglas. **O livro da filosofia: as grandes ideias de todos os tempos**. Rio de Janeiro: Globo, 2011.

COLLINI, S. História da Ciência e da Tecnologia. DoGi. Itália, 1999 in: **Teoria celular**. CienTIC. 2004. Disponível em: <http://www.cientic.com/tema_celula_txt3.html> acesso em: 10 jan. 2015.

Dicionário Político, **Marxists Internet Archive**, s.v., “Damocles”. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/d/damocles.htm> acesso em: 13 out. 2015.

EAGLETON, T. **Depois da Teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FIGUEIREDO, Maria do Anjo Braamcamp. **Tristão e Isolda**. 19ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2006.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: **Pequena coleção das obras de Freud**; trad. C.M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

GREEN, John. ***The Fault in Our Stars***. London: Penguin, 2012.

SARAMAGO, J. **As intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Trad. Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras
ISSN: 2238-5754 – n.08, jan/jul de 2015



SHAKESPEARE, William. **Julius Caesar** apud: GREEN, John. *The Fault in Our Stars*. London: Penguin, 2012.

WHITMAN, Walt. **Song of Myself** Disponível em:
<http://whitmanarchive.org/published/LG/1891/poems/27> acesso em: 09 jan. 2015.